



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS XIII COLEGIADO
DE HISTÓRIA**

LAVÍNIA SOUZA DOS SANTOS

**Ensino de Ásia a partir das matrizes curriculares de alguns cursos
de Licenciatura em História da Universidade do Estado da Bahia**

**ITABERABA – BAHIA
2022**

LAVÍNIA SOUZA DOS SANTOS

Ensino de Ásia a partir das matrizes curriculares de alguns cursos de Licenciatura em História da Universidade do Estado da Bahia

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso ao Colegiado de História do Departamento de Educação – DEDC/Campus XIII da Universidade do Estado da Bahia, sob orientação do Prof. Dr. Ivaldo Marciano de França Lima, como pré requisito para obtenção do título de licenciada em História.

**ENSINO DE ÁSIA A PARTIR DAS MATRIZES CURRICULARES DE ALGUNS
CURSOS DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE DO
ESTADO DA BAHIA**

LAVÍNIA SOUZA DOS SANTOS

Banca examinadora

Prof. Dr. Ivaldo Marciano (UNEB DEDC II) (ORIENTADOR)

Prof. Dra. Jacimara Vieira dos Santos (UNEB DEDC XIII)

Dra. Dina Maria Rosário dos Santos (UNEB DEDC XIII) Prof.

DATA DA APROVAÇÃO

Itaberaba, 23 de dezembro de 2022.

LAVÍNIA SOUZA DOS SANTOS
DISCENTE

ITABERABA – BAHIA

2022

Resumo: Este trabalho tem como objetivo discutir o modo como o ensino do eixo de Ásia é abordado nos cursos de licenciatura em História na universidade do Estado da Bahia (UNEB). Tomando como base os documentos dos componentes curriculares de História da Ásia, verificando as referências bibliográficas, programas e questões relacionadas aos discursos sobre este espaço geográfico, este trabalho também objetivou discutir sobre as formas como o continente em questão é compreendido no âmbito do ensino. Para este trabalho, tomado a partir de uma pesquisa de caráter qualitativo, foram utilizados documentos oficiais dos componentes curriculares dos componentes do eixo Ásia, de seis cursos de licenciatura em História da Universidade do Estado da Bahia, bem como de revisão bibliográfica específica o tema.

Palavras Chave: Ensino de História; Ásia; Universidade do Estado da Bahia; Matrizes curriculares

Abstract: This work aims to discuss the way how the teaching of the Asia axis is approached in the History undergraduate courses in the University of the State of Bahia (UNEB). Taking as base the documents of the curricular components of History of Asia, verifying the bibliographical references, programs and issues related to the discourses about this geographic space, this work also aimed to discuss about the ways in which the continent in question is understood in the scope of the teaching. For this work, taken from a research of qualitative character, official documents of the curricular components of the Asia axis were used, from six undergraduate courses in History of the University of the State of Bahia, as well as specific bibliographic review on the theme.

Keywords: History Teaching; Asia; Bahia State University; Curriculum Frameworks

Agradecimentos

A energia que rege o universo, pela minha vida, por me permitir ficar de pé nos momentos mais difíceis que passei e com os obstáculos atravessados ao longo desses oito anos de jornada.

A minha mãe e ao meu tio, que estiveram ao meu lado nos momentos difíceis e incentivaram cada passo da minha jornada ao longo do curso.

Aos professores, Jacimara Vieira e Ivaldo Marciano pelas correções e ensinamentos que permitiram apresentar um melhor desempenho no processo de escrita.

Agradeço particularmente a Rozane Conceição, por estar sempre ao meu lado, rindo e chorando. Também, Dona Maria, por me ensinar muito mais que a sala de aula e oportunizar as melhores experiências para meu crescimento pessoal e profissional.

A todos aqueles que contribuíram, direta ou indiretamente do desenvolvimento deste trabalho, enriquecendo o processo de pesquisa.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	8
POR QUÊ HISTÓRIA DA ÁSIA?	12
Laços econômicos – economia.....	12
1.2 - Um continente milenar	15
1.3 – Relações	18
A ESTRUTURA DO COMPONENTE DE ÁSIA NA UNEB.....	21
ANÁLISE DAS EMENTAS.....	25
Análise da bibliografia proposta nas ementas.....	27
ALGUMAS CONCLUSÕES AINDA POR SEREM CONCLUÍDAS.....	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	34



Fonte: <https://www.google.com>

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa surge de uma inquietação pessoal sobre como é ofertado o componente curricular Ásia nos departamentos em que há cursos de história na Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Inicialmente, realizei um diagnóstico nos documentos deste componente no Departamento de Educação XIII (DEDC). Este interesse foi decorrente de minhas escolhas pessoais, seja no âmbito da música coreana, seja por meu fascínio por mangás e outros produtos da cultura pop de países asiáticos. Isto me fez analisar o modo como o componente curricular História da Ásia é tratado no curso de história do departamento em que estou vinculada, e desta forma, fui pesquisar as demais ementas do mesmo componente em outros *campi* da UNEB. Com essa pesquisa, lancei indagações sobre como vem sendo compreendida a área de Ásia na matriz curricular dos cursos de Licenciatura em História da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Também busquei fazer a comparação do modo como este componente curricular é ofertado, cotejando com documentos deste eixo nos outros departamentos, a fim de notar se há uma regularidade em termos da “irregularidade”, ou é algo restrito ao curso de licenciatura em História do DEDC XIII.

Ao que parece, há uma negligência para com a história deste espaço geográfico nos cursos em que a pesquisa foi feita, de maneira que a ausência de especialistas na área, ou de docentes que tenham suas pesquisas voltadas para algum país deste continente não constitua mera coincidência. Aliás, o fato das matrizes curriculares disporem de apenas 60h obrigatórias para serem cursadas indica a importância que o espaço em questão tem para a sociedade brasileira, e isto talvez seja o reflexo da inexistência de fortes movimentos sociais que se reivindicam **ásio-descendentes** ou algo do tipo. Infelizmente não há uma tentativa de juntar conhecimento científico com formação, ou se houver, isto fica ofuscado pelas demandas da política. Desde o início da pandemia da *covid 19*, vem crescendo em redor do mundo um movimento chamado *Stop Asian Hate*.¹ Essa agitação por parte da comunidade **ásio-descendente** ganhou força depois do assassinato de oito pessoas em três casas de massagem em Atlanta, EUA, em março de 2021, onde seis das

¹ A campanha *Stop Asian Hate*. O movimento denuncia o aumento de **crimes de ódio** contra a **comunidade Asiática-Americana e das Ilhas Pacíficas (AAPI)** nos Estados Unidos. Desde o início da quarentena, em março de 2020.

oito vítimas eram mulheres asiáticas. A polícia local concluiu que não se tratava de crime racial, porém, no dia seguinte, uma senhora de setenta anos foi violentamente agredida

enquanto estava na calçada em São Francisco, EUA. Esta senhora foi presa por revidar as agressões e contestar o resultado das investigações, e por conta disso foi levada a uma delegacia, tendo este caso notificado pelo *The New York Times*.

Ambas as situações foram posteriormente divulgadas como crimes de xenofobia e racismo contra pessoas asiáticas, o que assombrosamente mostrou um crescimento de 150% desse tipo de caso desde o início da pandemia, dando ainda mais força as vozes que ecoavam no movimento *Stop Asian Hate*. Contudo, no Brasil o movimento não saiu de uma tela preta nas redes sociais. Ao que parece, Ásia não reverbera entre os jovens da mesma forma que África ou Europa. Não há nenhuma inclinação ou motivação para aprendermos sobre um continente em que vivem/nasceram seis de cada dez pessoas do mundo contemporâneo.

O presente trabalho tem como objetivos apresentar brevemente o componente curricular Ásia; analisar sua estrutura e o modo como é abordado na matriz curricular dos Cursos de História da UNEB. Também se buscou analisar as ementas dos cursos de História da UNEB, tendo como recorte os documentos que estão em vigor.

Identificar as lacunas na construção do componente curricular Ásia traz consigo uma grande importância, pois este é o espaço geográfico que tem grande impacto no mundo em que vivemos. Para que possamos levantar propostas para solucionar estes problemas, e ao mesmo tempo promover uma reflexão que alvitre nova estrutura no componente, é imperioso analisar sobre os modos como entendemos currículos, ensino, ciência, motivações... Aqui me vi na condição de ofertar aos meus colegas de curso e de universidade uma ampla experiência com este conteúdo, para indicar que o estudo de Ásia não constitui mero exotismo, diletantismo ou extemporaneidade.

E aqui preciso indicar que mesmo não tendo um professor pesquisador da área, ao que parece foi o melhor em termos de sujeito crítico e que nos fez discutir um programa que de longe é o mais próximo das necessidades que os estudantes possuem para compreender melhor um espaço geográfico complexo, plural e amplo. Foi nas aulas do professor de Ásia que tomei conhecimento do fato de que os primeiros núcleos civilizatórios não estão no Vale do Nilo, ou mesmo no crescente fértil, mas no que hoje o Paquistão, no que a Arqueologia nomeia como Contexto civilizatório Harapiano e

Mohenjo-Daro, ou civilização do Vale do Indo. Conforme pesquisas mais recentes, estes núcleos já existiam há pelo menos entre cinco mil e quatro mil e quinhentos anos antes da Era Comum, ao passo que a Suméria, até então tida como o berço da escrita, só tem seu surgimento há três mil anos antes da era comum.

Também foram nas aulas deste professor que descobri o fato de que o maior império, em terras contínuas que a humanidade conheceu, o mongol, esteve localizado no que hoje nomeamos por Ásia, e que foi fundado por um destes homens de “olhos puxados” para os quais não damos tanta atenção. Genghis Khan, fundador do império mongol, por si só tem importância suficiente para dispor de ao menos um componente curricular em qualquer curso de história do mundo. Infelizmente ele sequer é objeto de debates em muitos dos cursos de história de nossa universidade.

Também aprendi com este mesmo professor que ministrou a disciplina de Ásia na condição de cooperador, que boa parte do substrato teórico-filosófico existente no cristianismo é na verdade tomado por empréstimo da religião oficial do império persa, no caso, o zoroastrismo. Foi através desta religião que Zaratustra revelou ao mundo a existência de dois deuses, Ahura Mazda, que é o deus do bem, e Aritmã, deus do mal. Ora, se há uma ética e cosmogonia em que o bem e o mal existem, e que isto constitui a base do cristianismo, não se pode rejeitar a importância de tão pujante herança, ainda mais quando ela subjaz todo um contexto civilizatório dos dias atuais. Aqui devo então admitir que ao tomar os documentos do componente que estudei como referência, percebi que os demais estavam bem distantes do que regeu meu estudo e aulas deste eixo.

Não faz parte da proposta do presente estudo atacar o currículo de forma solta e descompensada, mas de observar quais pontos deveriam ser revistos e solucionados pelo departamento analisado. Tais inquietações tornaram-se proeminentes durante os estudos do componente em questão, no segundo semestre do ano de 2021, coincidentemente, ano em que enfrentávamos o auge da pandemia da “*corona vírus disease 2019 (COVID19)*”. Um vírus que teve início na cidade de Wuhan, capital da província de Hubei, região Central da China e que trouxe à superfície todo o desconhecimento, preconceitos culturais e raciais, nutridos pelo ocidente em relação ao continente asiático. Claro, descrição muito específica e apontando somente um país. Bem sabemos que esta falta de conhecimento está atrelada do mesmo modo a outros países do continente, principalmente na região do Oriente Médio ou Oriente Próximo.

Além disso, surgiram muitas inquietações relacionadas ao porquê de o componente *Ásia* não ser ofertado com a rotatividade necessária, trata-se de uma carga horária obrigatória, porém no DEDC XIII, o mesmo levou cerca de quatro a cinco semestres para ser ofertado novamente. Tal oferta ocorreu em um contexto em que tínhamos estudantes prestes a concluir o curso, dependendo apenas do referido componente para a finalizar as horas aulas exigidas.

Para a pesquisa, foi adotada a metodologia de abordagem qualitativa, a partir da leitura criteriosa dos documentos dos componentes curriculares (do eixo *Ásia*), utilizando o método comparativo para interpretar as matrizes curriculares do componente *Ásia* nos cursos de licenciatura em História na UNEB. Os documentos foram interpretados como objetos e fontes, que de acordo com Silva (2016, p. 214):

Na condição de objetos, entendidos como impressos, que selecionam, legitimam e distribuem conhecimentos, mobilizam discursos na produção das verdades do processo de escolarização. [...] Esse entendimento permite a análise de sua materialidade, isto é, suporte material da construção de práticas nos espaços educativos. [...] Como fontes, particularmente escritas e dialógicas, ocupam, de um lado, espaço privilegiado de reconstituição das ideologias ou mentalidades educativas subtraídas a uma projeção particular, oficial; e, de outro, diferenciam-se de outras fontes por contemplar propósito muito particularizado, isto é, o cumprimento de funções determinadas pela difusão e o desenvolvimento prático dos processos de escolarização, com base em uma rede de intertextualidades que se alimenta da política educativa ao desenvolvimento dos processos educativos nas escolas e nas salas de aulas.

Como foi alvitrado a início, foi realizado um estudo acerca de como foram construídas as ementas curriculares do componente *Ásia*, no âmbito dos colegiados de História da UNEB. Avaliou-se a existência de semelhanças e diferenças entre as ementas dos distintos currículos. Tomei como referência os indicativos de carga horária, disposição teórica e metodológica, além de referência bibliográfica.

Dado os procedimentos metodológicos para a construção deste estudo, apresento as partes do artigo. A primeira, intitulada “Por que História da *Ásia*?”, discute de forma sintetizada a historiografia da *Ásia*; a segunda parte, “O componente de *Ásia* na UNEB (A estrutura)”, discorre sobre a estrutura do componente na referida universidade; a terceira parte, “Consequências”, traz as discussões e análises destes documentos; e por fim, as considerações finais, quando lanço algumas pequenas conclusões e peço desculpas

para o professor que eu achei, em primeiro momento, não estar à altura do que precisava. Na verdade, ter sido orientada por ele foi um verdadeiro achado, pois foi aí que percebi o significado da expressão “barrica em naufrágio vale tanto quanto um bote de salva vidas”.

POR QUÊ HISTÓRIA DA ÁSIA?

Antes de fazer uma análise sobre o ponto em que o ensino de História da Ásia se encontra, no âmbito da Universidade do Estado da Bahia, procurei refletir sobre a sua necessidade. A essa reflexão, cabe também repensar a função da universidade como instituição social. O Estado da Bahia, responsável pela gestão dos Departamentos da UNEB, garante acesso gratuito aos alunos, e que por sua vez têm os seus estudos pagos pela contribuição da sociedade na forma de impostos. Neste caso, a sociedade baiana é financiadora da universidade, o lugar em que se produz conhecimento. Sendo assim, fica a cargo da unidade de educação contemplar esta sociedade ao promover pesquisas e temáticas de assuntos que chamem a atenção desse público.

Sendo assim, o objetivo dessa seção é fazer uma apresentação breve sobre como podem ocorrer as relações entre Brasil e Ásia, e também de que forma os liames no âmbito da política, cultura e economia, nos últimos anos, têm refletido numa nova maneira de encarar o continente.

Laços econômicos – economia

As relações econômicas entre Brasil e o leste asiático são pautados em contexto bastante complexo. Um grande átrio econômico a ser observado é o do maior importador de produtos brasileiros, neste caso a China, que só no ano de 2021 entrou com um valor bruto de US \$87.907.887.856 em produtos importados do Brasil, segundo dados da [Domani](#) Consultoria. Este grande laço econômico é composto por materiais como minério de ferro e os seus derivados, que representaram a maior parcela das exportações em 2021 (25%, ou seja, US \$28,8 bilhões); seguido da soja, o segundo produto mais importante (23%, simbolizando, US \$27,2 bilhões). Além desses, integram a lista: óleos brutos de petróleo; carnes, bovinas, suínas, aves, açúcares e melações.

O Brasil tem uma importante parceria comercial com o continente asiático, principalmente de produtos como soja e minério de ferro. Atualmente os maiores

importadores de produtos brasileiros no continente são, em termos percentuais, China, com algo em torno de **68% das exportações**, Japão, com **5,8%**; e **Coréia, com 3,7%**.

E aqui fica uma pergunta: sempre foi assim? Eles, os asiáticos, compravam mais de nós, ou o inverso ocorria? Afinal de contas, como países tão pequenos ou pobres podem comprar tanto de nós? A questão é exatamente esta, no caso, eles, os ditos asiáticos, conforme Mason (2017), já detiveram dois terços da economia mundial em termos de compra e venda entre os séculos XV e XVIII, constituindo o XIX e o XX como momentos de retração e queda em todos os sentidos, ficando a segunda metade do século passado como o momento da recuperação econômica destes países. Em termos gerais, pode-se afirmar que a Ásia apenas está retornando para uma condição que já ocupara, antes das expedições marítimo comerciais, o que sugere que esta parte do mundo possui importância significativa para a história e o mundo como um todo.

Principais produtos exportados e importados da Ásia em 2019.

	Produtos exportados para a Ásia	Valor FOB US\$
1º	Soja	22,17 bilhões
2º	Minérios de ferro	17,54 bilhões
3º	Petróleo	17,17 bilhões
4º	Celulose	3,86 bilhões
5º	Carne Bovina	3,67 bilhões
6º	Milho	3,34 bilhões
7º	Carne de Frango	2,91 bilhões
8º	Algodão	2,36 bilhões
9º	Farelo de Soja	2,05 bilhões
10º	Ferro-Ligas	1,82 bilhão

Fonte: <https://www.fazcomex.com.br>

	Produtos importados da Ásia	Valor FOB US\$
1º	Equipamentos de telecomunicações, incluindo peças e acessórios	6,2 bilhões

2º	Válvulas e tubos termiônicos, de cátodo frio ou fotocátodo, diodos, transistores	5,4 bilhões
3º	Demais produtos - Indústria de Transformação	2,8 bilhões
4º	Compostos organo-inorgânicos, compostos heterocíclicos, ácidos nucléicos e seus sais, e sulfonamidas	2,8 bilhões
5º	Plataformas, embarcações e outras estruturas flutuantes	2,3 bilhões
6º	Partes e acessórios dos veículos automotivos	2,0 bilhões
7º	Máquinas e aparelhos elétricos	1,77 bilhão
8º	Aparelhos elétricos para ligação, proteção ou conexão de circuitos	1,31 bilhão
9º	Inseticidas, rodenticidas, fungicidas, herbicidas, desinfetantes e semelhantes	1,16 bilhão
10º	Fios têxteis	1,11 bilhão

Fonte: <https://www.fazcomex.com.br>

Do outro lado temos as exportações brasileiras, em sua maioria voltadas para produtos manufaturados. As importações de produtos asiáticos representaram mais que um quinto de tudo que foi comprado pelo Brasil no ano de 2021, algo em torno de US \$47.650.945.510. Na plataforma *Domani* pode-se observar que os produtos mais procurados pelos brasileiros na China foram, dentre outros, equipamentos de telecomunicação, que totalizaram US \$4,5 bilhões; válvulas e tubos termiônicos; compostos organo-inorgânicos; máquinas e aparelhos eletrônicos; medicamentos; e adubos e fertilizantes.

As economias que mais vem se desenvolvendo no mundo estão nesta região, e que são países citados como exemplos de renovação econômica, são a China, já citada aqui, além de Japão e Rússia, que estão listados no G8.² Mas, os indicadores e suas pujanças não param por aí. Catar, país pequeno em termos territoriais, localizado numa Península multimilionária, com mais de 90% do PIB vindo do petróleo. A Coreia do Sul, que ocupa parte da península em que se localiza outro país com o mesmo nome, pode ser indicada como o alto escalão dos eletroeletrônicos e os conglomerados de *chaebols*³. Este país nada mais é do que a quarta maior economia da Ásia e a décima-primeira maior do mundo.

² "A sigla G-8 corresponde ao grupo dos 8 países mais ricos e influentes do mundo, fazem parte os Estados Unidos, Japão, Alemanha, Canadá, França, Itália, Reino Unido e Rússia. Antes chamada de G-7, a sigla alterou-se com a inserção da Rússia, que ingressou no grupo em 1998."

³ Um chaebol é um grande conglomerado industrial que é administrado e controlado por uma família na Coreia do Sul. Um chaebol geralmente consiste em muitas afiliadas diversificadas, controladas por uma pessoa ou grupo de pessoas cujo poder sobre o grupo frequentemente excede a autoridade legal.

Hong Kong é também um espelho para o mundo, sendo um dos maiores centros financeiros do globo e também está entre os maiores PIB per capita, se vista a parte do país ao qual pertence, China, que é o segundo da lista, seguido pelo Japão, – Notados nos dias atuais encabeçando o *ranking* de países mais ricos do mundo, e ficando atrás somente de Estados Unidos. O Japão, neste aspecto, dispara também na lista de país com maior e melhor qualidade de vida e prosperidade econômica, junto com Coreia do Sul e Israel – Turquia, Taiwan ou Singapura que também fazem parte desse seleto *hall*.

Em relação à Coreia do Sul o trato com Brasil é um pouco mais complexo, tendo início no ano de 1959 com a vinda dos primeiros migrantes Sul-coreanos para nossas fronteiras, e o estabelecimento da primeira embaixada coreana da América Latina na cidade do Rio de Janeiro em 1962. Três anos depois o Brasil faz o mesmo e estabelece sua embaixada em Seoul. Assim, estabeleceu-se um comércio bilateral marcado por

colaboração na “área de ciência, tecnologia e inovação com foco em semicondutores, nanotecnologia e no setor da siderurgia.” Esta parceria comercial coloca a Coreia do Sul como o 11º no *ranking* das exportações brasileiras e o 5º maior fornecedor de produtos para o Brasil.

1.2 - Um continente milenar

A Ásia é um continente difícil de definir, por sua pluralidade, pois é formado por povos de culturas múltiplas. Dispostos em países como Indonésia, Vietnã, Catar, Sri Lanka e Maldivas, com regiões de diferentes paisagens geográficas, a exemplo da Arábia Saudita, que está em região de clima desértico, assim como Afeganistão. Já no Paquistão não encontraremos apenas uma variação climática, posto que este país tenha a predominância do clima subtropical. A China, por outro lado, possui diferentes paisagens geográficas e ela, por si só, representa a complexidade em termos de diferenças no âmbito da geografia. Além disso, do ponto de vista cultural, este país possui a mais alta e longa muralha do mundo, que por sinal é Patrimônio material da humanidade e uma das sete maravilhas do mundo. Além das famosas muralhas, ao desbravar um país lindo e rico em paisagens naturais, encontraremos o Lago das Cinco Flores, Montanhas Arco-Íris, Monte Everest, Plantações de arroz, bem como o povoado de Hongcun, um pequeno vilarejo na

região histórica de Huizhou, província de Anhui, com aproximadamente 2 mil anos de existência. A China, inclusive, reivindica ser a civilização mais longeva de todo o mundo.

Contar a história da Ásia, suas guerras e conflitos de forma estruturada, apoiada em análises bem fundamentadas a partir de um professor dotado de habilidade e compromisso com a verdade, sem floreios ou duplo sentido, constitui o desafio a ser vencido pelo departamento ao qual meu curso está inserido. As más interpretações de bibliografias e documentos podem levar um país ou região ao apagamento histórico, ou à execração propiciada pelo sensacionalismo e ignorância. Porém, opto por possibilitar que estes temas possam ser apontados no futuro, quando questiono a matriz e proponho mudanças pontuais hoje, abro também a possibilidade para que novos temas venham a ser abordados de forma ampla no futuro, futuro este que espero seja próximo.

Aqui devo apontar também o continente africano, por exemplo, mesmo que sejam lidos de formas completamente diferentes e apresentados distintamente, possuem interligações de alguma forma, por serem ambos objetos de estereotípias e descrições distorcidas da realidade. Ambos, África e Ásia, constituem espaços inventados, sobretudo, tendo em vista a larga experiência em “furtar” identidades e criar estereótipos dos envolvidos na criação dos mitos relacionados ao continente asiático. Pode-se sim afirmar a ideia de uma Ásia inventada, qual nos foi e é apresentada, principalmente no período anterior a colonização, o que decerto coloca que definitivamente sim, o oriente como conhecemos, trata-se de uma invenção particularmente ocidental.

Embora seja extremamente perigoso e descuidado ser tão veemente nessa afirmação, usamos como ponte os pensamentos de Said e as análises feitas por Fabio Bacila Sahd para defender tal colocação, “o Orientalismo é inseparável do colonialismo, é um produto cultural necessário para justificar o domínio sobre outros povos e a expansão e conquista de suas terras” (2020, p. 93).

Todavia, principalmente quando falamos de países como Coreia do Norte, Afeganistão, China, Irã, Paquistão, Vietnã, entre outros, não aliados, ou que demonstraram algum tipo de resistência aos desmandos de determinada “potência” (colonizadora), foram transformados em ameaças à paz do mundo. Além disso, tivemos a criação de grandes vilões através da indústria cinematográfica hollywoodiana, além de que, mesmo com grande aptidão para potência mundial, estes países são apresentados como miseráveis e atrasados em relação aos demais existentes no mundo.

Possivelmente para nós que vivemos em uma região em que o contato com povos oriundos da Ásia ou seus descendentes é mínimo, notados pelos traços fenotípicos característicos da população do leste asiático, é difícil compreender o quão diversas são estas complexidades no âmbito da geografia e cultura.

A construção desta interpretação orientalista reforça, abona e estabelece convencionalismos com os povos do Oriente, particularmente quando nos referimos aos países mulçumanos, a começar por uma leitura distorcida de que existe certa predisposição bélica no comportamento dos homens e mulheres destas nacionalidades. Estes são resumidos ao lugar de terroristas, sem que lhes sejam dadas chances para entender as razões das revoltas, do terror empreendido pelos palestinos, e o que os levam a tais atos, seja por defesa, ataque ou resistência. Em certa medida, por razões utilitaristas, o ocidente tem interesse parcial nos utensílios eletrônicos, na comida e cultura pop, mas pouco ou quase nada se interessa pelas culturas e práticas destes povos “tão estranhos e belicosos, retratados como violentos, sanguinários, irracionais” ...

Aqui é importante referir-se ao fato de que o conhecimento verdadeiro, seja no âmbito da história ou de qualquer outra área do saber, implica em compreender os comportamentos de povos, os continentes aos quais estão inseridos. Esta é a principal razão para que um curso superior tenha em sua matriz curricular componentes que aludam a tais questões. Não se concebe um historiador que não conheça a história da maior parte da humanidade. Verificar a estrutura do componente Ásia, e perceber o modo como é abordado na matriz curricular dos Cursos de História da UNEB, comparar as ementas dos cursos de História da UNEB, assegurar o direito de aprender sobre estes povos são alguns dos pontos de reflexão deste TCC.

Pensar a Ásia é absolutamente instigante e motivador. Analise comigo: um continente repleto de conhecimentos e desenvolvido, cercado por seus mistérios e pensamentos filosóficos como os *confucianos*⁴, que nos levam a querer cada vez mais conhecimento sobre o mesmo. Sendo este um dos continentes mais antigos e culturalmente ricos do mundo, tão grande em tamanho quanto em conhecimentos históricos, científicos, culturais, artísticos e religiosos, desconhecidos para a maioria de nós ocidentais.

⁴ Relativo a Confúcio (551 a.C.-479 a.C.), filósofo chinês, ou à sua doutrina. 2. Que ou quem é seguidor ou estudioso do confucionismo.

Este que por muitos pode ser lido como um ambiente fantasioso, místico, secreto ou fechado, cheio de fanáticos religiosos, adoradores de múltiplas divindades, muitas dessas animalescas, entre tantas outras práticas no que tange à religiosidade asiática, e que foge do conceito de certo ou errado, comum em religiões monoteístas. Países como Afeganistão, Irã e Israel são representados de maneiras distintas. Este último, a despeito de estar no oriente, é apontado como sendo a civilização dentro da Ásia, ao passo que o Iraque é apresentado através dos olhos da mídia parcial e sensacionalista como um verdadeiro “campo minado”, repleto de psicóticos assassinos e pouco anunciados como integrantes deste vasto continente, que além de abrigar tudo que já foi citado anteriormente, pode ser apontado como o berço da civilização moderna, vanguardista de tudo que é tecnológico e amplamente desenvolvido.

A partir destas poucas palavras, que pouco são citadas, os “pontos positivos” de todo um continente múltiplo e plural, já podemos de certa maneira reavaliar essa opinião formada de um continente pouco analisado e reduzido a um tal desenvolvimento tardio, atribuído ao conhecimento ocidental. Estes povos são os inventores do papel, pólvora, imprensa, macarrão, seda e uma das rotas mais importantes para a compreensão de muitos aspectos do desenvolvimento econômico, no âmbito global.

Então? Você leitor, conseguiu perceber o porquê de minha escolha, do que me motivou ter o continente asiático para esta análise? Consegue observar o quão importante

é apontar aqui está porção de terra que flutua como crosta na imensidão do planeta? Consegue perceber que ele tem um papel importante no desenvolvimento da humanidade, economia, cultura, ciência, estrutura social, entre tantas outras colocações que poderíamos colocar neste parágrafo? Se ainda assim sua resposta for “não”, rogo que continue a leitura, de maneira que sejam desfeitas tais dúvidas, para que se compreenda o quão grandioso e rico é este continente que na atualidade nomeamos como Ásia.

1.3 – Relações

Nos dias atuais, principalmente depois da pandemia do *COVID19*, pudemos ter uma melhor apreciação do continente asiático, em primeiro momento de forma pejorativa, principalmente quando pensamos que foi diretamente atribuída ao gigante asiático a culpa pela pandemia da *Sarcov 19* que teve seu início em 31 de dezembro de 2019 na cidade de

Wuhan, província de Hubei, na região central da China. Com reportagens repletas de ambiguidades sensacionalistas, associadas à ignorância e ao conhecimento limitado sobre o país, tivemos por consequência uma ampliação dos discursos de ódio e xenofobia, sobretudo da parte dita ocidental do planeta. A isto, acrescente-se o fato de que o ainda presidente da república e alguns dos seus ministros fizeram uso de comentários ricos em ódio, xenofobia e desinformação sobre a China, que até então é um dos maiores parceiros comerciais do Brasil. Este movimento, advindo das autoridades brasileiras, sugere que haja um encorajamento para que a população brasileira traga à tona seus preconceitos e venha dar manutenção na desinformação que circunda a China e a pandemia de 2019.

O continente asiático parece muito mais distante do Brasil do que nos é apresentado no mapa político, mas na verdade, somos nós quem nos distanciamos dele. Estamos rodeados de informações distorcidas e uma grande carga de preconceitos que nem mesmo somos capazes de apontar a origem, alimentada pela divulgação deturpada das produções midiáticas carregadas de informações destituídas de substância. O ocidente não conseguiu se despir de suas conclusões formadas por terceiros – estes diretamente interessados em certo controle global, tanto geográfico quanto político e econômico – para compor a real face deste gigante histórico.

Esta observação é colocada não só para a distorção do que esse continente representa, pensando como o mesmo é abordado na forma negativa, mas também para as pessoas munidas de poucas informações que estão relacionadas à uma construção ilusória, criada em cima de uma possibilidade irreal de “paraíso na terra”. Assim como o restante dos continentes do mundo, a Ásia está se fortalecendo, tendo enfrentado diversas disputas por poder e controle de seu território ainda no fim do século XX, bem como distúrbios, guerras civis e conflitos ao longo dos primeiros anos deste século. Em termos de retomada do crescimento, ainda tomando Mason (2017) como suporte, os sinais de recuperação do papel outrora ocupado pelo que hoje nomeamos Ásia se apresentaram ainda nos anos 1980, durante o que a imprensa definia como “tigres asiáticos”.

Atualmente, com o fenômeno *Hallyu*⁵, somos capazes de perceber a movimentação de países específicos do continente sendo citados e admirados por boa parte das pessoas ao redor do mundo. Indicarei aqui o exemplo da Coreia do Sul, que

⁵ “O fenômeno de propagação global de bens culturais sul-coreanos denominado **Hallyu** ou Onda Coreana, foi criado no fim da década 1990 a fim de desenvolver um diálogo ágil entre os diferentes países utilizando-se de uma estratégia de desenvolvimento econômico baseado nos preceitos do soft power, que visa promover um país”

desde os anos de 1990 até os dias atuais é apontada como grande produtora de fenômenos internacionais dentro da cultura do entretenimento e tecnologia. Este país, a Coreia do Sul, tem este movimento, o *Hallyu*, como parte de uma política de Estado, e foi criado e difundido no mundo como umas das estratégias de fortalecimento para a economia do país. Esta, por sinal, se encontrava em total decadência no período do pós-guerra – também é claro que serão abordados aspectos do passado e como este caminho foi construído.

Enfim, importante lembrar que Ásia é o maior e mais vasto continente do mundo, não só em área e extensão territorial, mas também em população. Os povos que vivem neste continente não compartilham o mesmo idioma ou características genéticas, como é especulado por muitos desinformados, além de dispor de grande quantidade de fronteiras, algumas das quais demarcadas pelas outrora potências da Europa do oeste, a exemplo dos países que hoje se localizam na região do levante e da península arábica, conforme o acordo Syles-Picot (MARSHALL, 2018).⁶ A extensão territorial da Ásia é 44.580.000 km², abrangendo cerca de um terço da camada sólida da superfície terrestre, além de contar com aproximadamente 4,561 bilhões de pessoas, sendo responsável por pouco menos três quintos da população mundial em 2018, segundo dados da plataforma google.

Vamos fazer uma *reavaliation*. Se observarmos com cuidado, podemos ver a importância e a presença da Ásia dentro da América como um todo. Basta lembrarmos rapidamente da História da América Latina, para constatar que parte da mão de obra escrava foi substituída pela força de trabalho chinesa, a custo baixo custo, em países como Cuba, Peru e México (CÁCERES, 1997; DONGHI, 1989). Importa também lembrar da construção do bairro Chinês nos EUA, ou de que a maior comunidade japonesa fora do Japão encontra-se no Brasil, vinda em decorrência da guerra. Isto contribuiu para estreitar laços importantes com o país do sol nascente. Também não se pode esquecer dos cerca de 200 mil sul-coreanos que vivem no Brasil, sendo boa parte em Goiás e nos arredores de Brasília, que serve também de sede das embaixadas da China, Coreia do Sul e Japão.

⁶ Este acordo, ocorrido em 16/05/1916, representou um tratado entre as duas maiores potências coloniais da época, França e Inglaterra, que desenharam as fronteiras no Oriente Médio, que estava sob domínio do Império Turco Otomano, adversário de ambos na I Guerra Mundial. Os países existentes na atualidade, entre a Síria e o Iraque, além da península arábica, foram resultantes deste acordo, que leva os nomes dos diplomatas das duas potências.

Entre os brasileiros, notadamente as camadas mais populares, as referências sobre os “asiáticos” são decorrentes do cinema hollywoodiano, que contribuiu para propagar estereótipos em muitas produções cinematográficas pelo mundo, algumas das quais usando a cultura pop de massa. Ainda hoje, por sinal, temos como ícones do “cinema internacional” atores como Jet Li e Jack Chan, além de outro muito referido, Bruce Lee, que mesmo não sendo chinês (era na verdade sino-americano), serviu como ponto de difusão de valores ditos chineses. Estabelecendo um breve paralelo, pode-se afirmar que se a África foi, sob o contexto das representações, reduzida à condição de um lugar, a Ásia foi, sob as operações do senso comum, reduzida às fronteiras da China e do Japão. Na atualidade, considerando o contexto das músicas pop, pode-se também incluir a Coreia do Sul como parte desta referência que toma toda a China como objeto. O advento do Kpop pode ser visto como uma grande fonte de renda e aprimoramento para a Coreia, aspecto que vem sendo copiado dentro do círculo do “Tigres Asiáticos”.

Por essa leitura e pela forma como as informações coerentes são negligenciadas, que seja construído interesse, que possam ir além de laços empáticos ou afetivos com temas ligados à Ásia, que nos movamos ao conhecimento maior que ultrapasse as barreiras das mídias de massa e que assim como novelas, animes, e música chegaram até nós de maneira avassaladora, a importância desta porção de terra cheguem da mesma maneira por meio de maiores produções científicas.

A ESTRUTURA DO COMPONENTE DE ÁSIA NA UNEB

As diferenças encontradas nas ementas dos componentes ofertados nos cursos têm grande relação com as mudanças relacionadas aos professores. O texto das ementas, via de regra, reflete problemas que podem ser verificados em erros de informações, afirmações genéricas, ou ausência de contornos que levem em conta questões socioespaciais. Existem ementas com programas, que são modificadas a depender do professor que ministra as aulas do componente. Estes, no geral, não possuem formação na área. De antemão, observamos que o elemento Ásia, apesar de fixo no programa da graduação, por vezes parece algo transitório, já que não mantêm um docente como efetivo de sua cadeira na universidade, ao menos no campus onde se dá esta pesquisa. O plano de curso tem características muito distintas, variando de professor para professor. Alguns optam por abordar um planejamento mais ligado ao recorte cultural, afro-asiático, ou seja,

algo específico e limitado a relações mais voltadas para a África, e ainda menos expansivo do que os que optam por dividir o plano entre geográfico e político. Não temos um pórtico teórico-metodológico fixo.

A universidade tem uma função social que pode ser definida em vários pontos. A realização de pesquisas e a formação de profissionais é talvez parte destes aspectos. Grande parte dos discentes da UNEB são oriundos das camadas populares, e seus egressos constituem vetores de reprodução do conhecimento obtido através dos seus programas. Seria um bom começo para a construção de novos olhares e representações referentes ao continente asiático se os componentes dos cursos de História fossem ofertados com maior rigor e zelo. Infelizmente tamanha negligência não contribui para que a universidade pública possa cumprir seu papel.

Ofertar aos discentes a estrutura adequada para desempenhar um bom trabalho na sociedade civil, possibilitando a apresentação correta dos resultados obtido ao longo dos anos, sobre as pesquisas realizadas por estes indivíduos de forma mais simples e coesa para sua comunidade é um dos aspectos mais notáveis a serem observados na universidade. Infelizmente, há que se levar em conta esta dificuldade em relação ao ensino de história da Ásia. Nas seis ementas analisadas, o eixo está dividido geograficamente, o que é extremamente interessante porque propicia uma ampla visão acerca do continente, ampliando o conhecimento sobre as dimensões físicas do mesmo, ainda que três delas limitadas ao recorte contemporâneo.

A academia precisa deixar de ser lida como um espaço para poucos, e passar a ser entendida como acessível a todos. Ainda que estes não estejam lá como estudantes ou pesquisadores, mas sim como curiosos e pertencentes àquele espaço. O resultado das discussões realizadas dentro dos domínios acadêmicos muitas vezes parece distante e irreal para a comunidade ao redor e em quase todo o tempo a culpa desta distância pode ser atribuída aos partícipes da comunidade universitária. Enquanto produtores de ciência, mantemos a comunidade afastada de nós, por não desenvolvermos métodos para que ela se veja neste espaço, mesmo fazendo uso de sua imagem e vivências para o fortalecimento de nossas discussões, que de tão mal estruturadas não são capazes de nos fazer entender pelo nosso próprio “objeto de pesquisa”.

Assim, já é possível transparecer um pouco os motivos pelos quais este tema foi pensado. Claro que poderia discutir sobre outras áreas de estudo dentro da proposta pedagógica do curso, até mesmo questionar alguns excessos, que se enxutos dariam

grande espaço para discutirmos temas com significativa relevância. Ainda haverá discussão sobre se realmente é razoável discorrer sobre um componente tão “pequeno” e distante, porém obrigatório dentro do currículo. Analisamos as ementas do **Componente Curricular Ásia** e como se dá a distribuição de carga horária de cada uma delas dentro do currículo geral do curso de **Licenciatura em História** dos departamentos que colaboraram para o bom andamento desta análise. Desde já, podemos apontar que em sua grande maioria o “Eixo de conhecimento” – Como nos foi apresentado pelo próprio documento – de 60 horas curricular é quase sempre dividido em dois componentes de 30 horas cada. Na maior parte das descrições podemos ler como Ásia I e Ásia II, já que não seguem um padrão para a aplicação.

Em alguns departamentos o eixo é dividido geograficamente o que é interessante porque nos dá uma maior perspectiva da amplitude do continente asiático, possibilitando maior conhecimento principalmente sobre as dimensões físicas do mesmo, ainda que limitado ao recorte temporal contemporâneo. Já em outras definições das ementas, observamos uma divisão mais tradicional – Voltada para temporalidade – o que poderíamos ler como Ásia antiga, moderna ou contemporânea. Não poderia apontar de maneira precisa o recorte temporal específico existente na maior parte das ementas, e muitas vezes pelos conteúdos apontados fica confuso determinar qual seria a temporalidade abordada. Ainda assim, com essa observação – mesmo que feita de forma incipiente – fica límpida a necessidade da ampliação de carga horária do eixo, uma vez que a carga horária pequena sugere uma limitação nos conteúdos teóricos, além de deixar latente a necessidade de abrir mão dos recortes alusivos à periodização ou ao espaço, posto que em 60h não há exequibilidade em contemplar aspectos referentes à idade antiga, ou ao tempo contemporâneo.

Analisando cuidadosamente, pode-se afirmar que não se trata de um componente uniforme, como em eixos com carga horária maior, a exemplo de Europa. – Não cabe de forma alguma comparar ou sugerir de nenhuma maneira o delírio de reduzir carga horária do EIXO de Brasil, por este motivo que nem o citaremos como forma de comparação. Principalmente porque sabemos que é o eixo, ao meu ver, de maior importância para o curso, mas ainda assim, cabe trazer posteriormente o componente Bahia para esta análise – O eixo de Europa é composto por uma das maiores carga horária do curso de História, contendo espaço suficiente para contar toda História do continente e sua expansão, que acomete América, África e até mesmo Ásia. Isso deixa nítida sua grande importância para

o desenvolvimento da historiografia, porém também alimenta uma “soberania europeia” que nos impede de compreender melhor até mesmo o nosso país.

Os limites impostos pelo estudo excessivo de um componente fazem com que tenhamos graves deficiências em relação a outros, ainda que esses componentes com carga horária menor acabem por trazer aspectos de eixos maiores como o de Europa por exemplo. Foram formalmente analisadas e comparadas apenas as ementas cedidas pelos colegiados dos departamentos da UNEB, contudo, observamos também o plano de curso cedido pelo professor que ministrou o componente em outros departamentos, além de algumas que foram cedidas de maneira informal. As disposições bibliográficas das ementas são muito semelhantes entre si, o que já era de se esperar, mesmo por que estamos pensando um componente teórico para a formação em nível superior. Apenas há destaque para as referências bibliográficas dispostas nos dois componentes do eixo pertencente ao DEDC II, que são, em certa medida, semelhantes ao que foi ofertado para a minha turma neste departamento, o que sugere haver protagonismo e boa atuação do docente em razão da feitura destes programas.

Alguns adendos podem ser verificados em boa parte dos programas, notadamente, os títulos sugeridos, que são distantes ou desatualizados em relação às temáticas ora em voga no debate sobre a geopolítica deste continente. Aqui vale salientar novamente o fato de que os programas dos componentes ofertados no curso de História do DEDC II trazem consigo indicações que dão conta de aspectos bem distribuídos espacialmente. Ainda assim, as referências sugeridas neste programa, seja sobre a história da Índia contemporânea, ou da guerra no Afeganistão, ou mesmo sobre o contexto da ascensão e queda do Estado Islâmico são difíceis de serem encontrados nas prateleiras das bibliotecas da universidade. Ainda que supostamente tenhamos um bom suporte tecnológico, principalmente por parte dos discentes, não podemos esquecer que a maior parte destes títulos disponibilizados de maneira digital são complicados de encontrar. As pesquisas na área são raras e muito superficiais, ou voltadas para área da economia ou cinema.

ANÁLISE DAS EMENTAS

No quadro abaixo estão listados os departamentos aos quais foram solicitadas por meio de requerimento – números de protocolo das solicitações para uso neste artigo via processo SEI de nº 074.7760.2022.0069037-03 – as ementas do componente curricular Ásia. Foram contatados dez departamentos que possuem colegiado de História, uma vez que estes ofertam em sua matriz curricular o componente em questão. Apenas seis deles responderam a solicitação encaminhando as ementas e propostas.

Quadro 01 - Departamentos contatados

DEPARTAMENTOS CONTATADOS		
Departamento	Carga horária da Área	Descrição sobre o componente
DCH – Campus I	60 Horas	Solicitação de ementa por meio de protocolo não atendida. Porém, foi possível adquirir informação em relação à carga horária através de um discente do departamento. Dividido em dois componentes de 30 horas cada, com ênfase na divisão geográfica.
DEDC – Campus II	60 horas	Encontrada dentro do EIXO CCC, na Área Ásia, dividida em dois componentes curriculares de 30 horas, intituladas “Ásia I” e “Ásia II”.
DCH – Campus IV	60 horas	Localiza-se no EIXO CCC, na Área Ásia, dividida em dois componentes curriculares de 30 horas cada, intituladas “O oriente próximo e o estabelecimento das primeiras civilizações” e “Revolutas e revoluções na Ásia”.
DCH – Campus V	60 Horas	Solicitação de ementa por meio de protocolo não atendida.
DCH – Campus VI	60 horas	Solicitação de ementa por meio de protocolo não atendida.
DEDC – Campus X	60 horas 30 + 30 horas	Apresenta-se como único componente curricular: Tópicos Especiais de Estudo em Ásia. Algo que chamou atenção no material foi no EIXO CCC, na área de Fundamentação TeóricoMetodológica da História, dividida em dois componentes de 30 horas cada, com o título: Tópicos Especiais de estudo em Ásia I e II
DEDC – Campus XIII	60 horas	Eixo temático Ásia, aplicada em um único componente de 60 horas intitulada “Tópicos Especiais da Ásia Contemporânea”. Aqui se observa o fato de haver prejuízo para toda a história do continente no período anterior ao século XIX.
DEDC – Campus XIV	60 horas	Os termos mudaram nestas ementas: EIXO do conhecimento ÁSIA, igualmente desmembrado em dois componentes de 30 horas cada, sendo eles História da Ásia I e II. Além do que, neste caso tem uma aplicação delimitada por semestres, o que torna maior a possibilidade de acessar os componentes.

DCHT – Campus XVI	60 horas	Solicitação de ementa não atendida.
		Listada também no EIXO CCC, Área Ásia, também é dividida em dois componentes curriculares de 30 horas cada, intitulados “Ásia
DCHT – Campus XVIII	60 horas	Antiga” e “Ásia Contemporânea”. É apresentada com um recorte muito direto e específico.

Fonte: Elaboração própria

Como descrito no quadro, em seis departamentos o eixo do conhecimento Ásia é dividido em dois componentes, com carga horária de 30 horas. com exceção do campus XIII em que o eixo é aplicado em único componente de 60 horas. Outro fator importante é o modo como os componentes são nomeados, e que variam entre os departamentos. Em geral são nomeados da seguinte maneira: Ásia I; Ásia II; O oriente próximo e o estabelecimento das primeiras civilizações; Revoltas e Revoluções na Ásia; Tópicos Especiais de Estudo em Ásia I e II; História da Ásia I e II; Ásia Antiga; Ásia Contemporânea; e Tópicos Especiais da Ásia Contemporânea, sendo este componente ofertado com carga horária de 60 horas.

As propostas elencadas nas ementas analisadas para a elaboração deste trabalho contêm aspectos semelhantes entre si. Observa-se isso no modo como é construída e dividida a carga horária do componente curricular. Foram observados os seguintes aspectos: bibliografia, carga horária, recorte temporais e geográficos. Estes recortes privilegiam a discussão de países como China, Japão e Coreia. Contudo, outros conteúdos importantes poderiam ser abordados, a exemplo de questões religiosas, guerras do oriente médio, construção das potências econômicas e políticas dentro do continente, ou o conflito árabe-israelense. Estas lacunas curriculares aqui apontadas não constituem devaneio ou diletantismo, posto que estejam em evidente evidência nas mídias, a exemplo das guerras no Afeganistão, conflitos entre Irã e Arábia Saudita, desenvolvimento das bombas atômicas por parte da Coreia do Norte e Paquistão, guerra civil e crise de imigração na Síria, dentre outros aspectos que indicam ausências significativas em termos de conteúdos. Isto pode vir a gerar uma necessidade formativa. Outro ponto é que todas as ementas apresentadas fazem parte do mesmo EIXO temático e da mesma ÁREA curricular.

No Departamento de Educação do Campus X, o componente aparece além da área específica, no caso, é ofertado pelo colegiado dentro do EIXO Fundamentação Teórico – Metodológica da História (FTM). Ou seja, não constituindo um eixo, o componente

curricular pode ser tomado como optativo, levando turmas inteiras para uma situação de terem seus créditos integralizados sem que sequer tenham visto algum conteúdo alusivo ao continente asiático. Ou seja, neste caso, Ásia aparece exclusivamente como componente curricular, o que de certa forma pode fazer com que os estudantes nunca tenham a oferta destes conteúdos. Mesmo porque, ao olhar com cuidado a proposta destacada nas ementas, os componentes surgem com as mesmas propostas pedagógicas nos dois EIXOS. Pensando pelo contexto de cumprimento da carga horária, há a possibilidade do/da estudante optar por realizar a carga horária ofertada no eixo de CCC área de Ásia e cumprir a obrigatoriedade do curso.

O componente vai tratar dos conhecimentos ligados à distinção de Oriente e Ocidente, além de trabalhar diretamente sobre a antiguidade asiática, com recortes específicos divididos geograficamente em **China antiga e os estudos históricos; as dinastias e sua cronologia**. Poderia ser uma excelente proposta, caso houvesse essa revisão com uma melhor distribuição do conteúdo teórico para a oferta do componente se tornar mais atraente aos discentes. Afinal, estaríamos dando a Ásia um respiro de mais 60 horas para uma melhor compreensão do que este continente representa.

Análise da bibliografia proposta nas ementas

Foram realizadas algumas buscas minuciosas e detalhadas na plataforma digital da biblioteca da UNEB. O Sistema de Bibliotecas (SISB) e dos títulos propostos nas ementas dos sete departamentos que se dispuseram a fazer parte desta pesquisa permitiram observar a relação entre indicações bibliográficas e títulos trabalhados nos programas dos componentes. Fomos capazes de afirmar que a maior parte das sugestões de leituras para os programas que acompanham as ementas estão disponíveis no acervo das bibliotecas da universidade, contudo, nem sempre estão disponíveis nos departamentos onde foram propostos como complemento bibliográfico a ser utilizado no eixo.

Os departamentos localizados nas cidades de Salvador, Jacobina e Santo Antônio de Jesus comportam as bibliotecas mais completas para o EIXO, com mais títulos físicos dentro do campus. Muitos dos departamentos têm alguns dos volumes que são sugeridos nas bibliografias ou como títulos complementares das ementas. Entretanto, departamentos como o de Itaberaba não possuem nenhum exemplar proposto na ementa. Sendo mais

categorica, o DEDC XIII não possui nenhum livro dos que estão indicados em todos os programas dos componentes do eixo Ásia em todos os cursos de História.

Outra maneira de ter acesso a essa bibliografia é por meio do professor, em tempo que o mesmo sempre oferece acesso aos livros ou arquivos utilizados nas aulas. Muitas vezes são livros de sua biblioteca pessoal. O anexo I é a proposta de plano de curso elaborado pelo professor Ivaldo Marciano, pertencente ao DEDC II, situado em Alagoinhas.⁷ O programa do componente ofertado no curso de história do DEDC – XIII, situado em Itaberaba, foi objeto de revisão por parte deste professor. Isto indica o modo como ocorre a adaptação das ementas à realidade do curso e disponibilidade do departamento onde será ministrado, pensando principalmente no acesso à Bibliografia.

Existem falhas pontuais dentro da construção destas propostas, da base, e a fundamentação teórica a aplicação. Aplicação essa, como já foi dito neste documento, muitas vezes mediada por um profissional que é pouco habilitado para realizar tal atividade. Saliente-se que no caso do professor Ivaldo Marciano, mesmo não sendo pesquisador da área, é dotado de razoável expertise em decorrência de significativo número de títulos sobre a história da Ásia, e de todos os documentos analisados pode-se inferir que seus programas são os que melhor contemplam as temáticas alusivas à antiguidade, como também a contemporaneidade (especialmente os eventos ocorridos ao longo do século XX, a exemplo das revoluções coreana, chinesa, vietnamita e iraniana, e as independências do sudeste asiático e da Índia).

Observe que estamos pontuando aqui a falta de profissionais com formação ou especialização na área, o que dificulta ainda mais uma experiência completa e satisfatória aos que estão envolvidos de alguma forma nesta aplicação. Está longe de nossa intenção atestar incapacidade dos docentes que se dispõem a ministrar este componente, sobretudo pelo fato de que não foi possível analisar a performance professoral destes, além do fato de que estamos nos referindo à profissionais que estão sendo impelidos a saírem de suas zonas de conforto, a fim de que os discentes não sejam prejudicados em sua formação.

Após todas as buscas e comparações, realizadas nos períodos de pesquisa e levantamento de material, concluiu-se que as ementas analisadas são semelhantes entre si. Observamos uma certa paridade na distribuição bibliográfica e carga horária, uma vez

⁷ Os planos de curso aqui discutidos foram gentilmente cedidos pelo professor Doutor Ivaldo Marciano, do departamento de educação campus II, cidade de Alagoinhas Bahia. Documento este que foi elaborado pelo mesmo nos períodos em que ministrou o componente curricular Ásia neste departamento, na cidade de Itaberaba – BA. Eu cursei o referido componente no segundo semestre do ano de 2021.

que os componentes são alocados em carga horária de 60 horas, podendo ser divididos em duas de 30 horas cada. Tal situação ocorre em praticamente todos os departamentos analisados. Há também a divisão temática, que é majoritariamente realizada por demarcação geográfica e temporal. Sobre este aspecto existe, evidentemente, a individualidade do professor responsável, como forma de construir a melhor experiência

dentro de suas possibilidades e limitações. Pode-se afirmar, no entanto, que na maioria das vezes o docente que ministra os componentes é versado em outras áreas, o que leva a problemas no que tange à familiaridade com a bibliografia, uma vez que se trata de obras que não são objeto de leituras constantes, ou de análise voltada para pesquisas.

ALGUMAS CONCLUSÕES AINDA POR SEREM CONCLUÍDAS

Despertar uma possível discussão sobre a ampliação de carga horária na matriz curricular é algo por demais importante, uma vez que os egressos dos cursos de história estão sendo formados sem o conhecimento de partes importantes da história da humanidade, além de aspectos que dizem respeito à nossa história propriamente dita. Ora, sejam os elementos sócio filosóficos que integram o corpus do cristianismo, no caso, o maniqueísmo, seja os elementos do judaísmo, ou mesmo dos aspectos alusivos às sociedades que integraram o Império Romano são alguns dos temas que constituem lacunas na formação destes professores que estão sendo formados pela Universidade do Estado da Bahia.

Em termos da contemporaneidade, poderia elencar as revoluções iraniana, chinesa, coreana, ou as trajetórias de países como China e Japão, países que reúnem muitos liames com o Brasil contemporâneo. Além do mais, China e Índia possuem, juntas, três em cada dez habitantes do planeta, o que por si só já justifica maior atenção para as suas histórias. Aspectos importantes são abordados em todos os eixos temáticos da matriz curricular apresentada no ensino superior como um todo. Observando a realidade das universidades federais, poderemos ter um vislumbre de possíveis soluções para as questões que versam sobre a carga horária de Ásia na UNEB. Essas seriam as propostas de carga horária complementar, sob a forma de cursos de extensão, de Férias ou como vimos no eixo do campus X, apresentar uma possibilidade a mais como disciplina optativa, porém com uma construção mais ampla e diferente da obrigatória. Contudo, ainda assim a manteríamos limitada àqueles que se mostram interessados pelo componente, já que seria ofertada sob proposta optativa.

Existem outros problemas, no entanto, que estão ligados ao comportamento cultural da universidade em questão, e que podem limitar ainda mais esta ampliação, mesmo como optativa. As disputas em torno de aumento da carga horária dos eixos estão diretamente atreladas aos estudos de África, Brasil e Europa. Faz parte da cultura do DEDC XIII abordar mais assuntos relacionados ao EIXO de África com recortes ligados aos elementos dos negros brasileiros. Isto, por si só, indica que o prejuízo se estende também para a história do continente africano, uma vez que no país persiste certa confusão entre o que diz respeito aos negros e negras do Brasil com o que pertence à África.

Já em relação a Ásia, o curso de licenciatura em História oferece apenas uma análise generalizada, que não se mostra como suficiente para atender as demandas do componente e discentes. Não estamos questionando a importância dos estudos de África, Brasil ou Europa, contudo, o que justifica ausência tão significativa em termos de conteúdos, se não o fato de que as tensões e disputas na sociedade não levam em conta temáticas alusivas à Ásia? É importante considerar as necessidades existentes na sociedade, mas não se pode desprezar a ciência, suas necessidades, em função de problemas do âmbito das subjetividades. Há que se dispor de estudos voltados para o continente asiático como um todo.

Somos levados a colocar nossos interesses em *stand by*, para seguir o padrão imposto pela universidade, já que os estudos de Ásia estão limitados a 60 horas. Vimos no início deste trabalho que existe uma importante relação entre o continente asiático e o Brasil, uma ligação histórica que perdura até os dias atuais. Estamos entre as nações que mais receberam imigrantes da China, Japão e Coreia, e dispomos de laços comerciais significativos, muito mais importantes para a economia em termos efetivos, se pensarmos na China e Coreia do Sul.

Como foi citado anteriormente, essa “ampliação” está sendo indicada como saída para uma universidade que forma profissionais destituídos de expertise sobre uma região que na atualidade tem o país mais importante nas relações econômicas com o Brasil. Há a necessidade de oferecer instrumentos de formação, devido às questões suscitadas pela atividade política/econômica do país, ou por esforços de aproximação entre as culturas asiática e brasileira. Mas, sabemos que independe da universidade alguns desses aspectos, como a liberação de verba para pôr em práticas essas propostas, formação de profissionais e remuneração dos mesmos.

Existem outros aspectos que necessitam de uma solução, por exemplo, a necessidade de discutirmos sobre a ampliação das produções e publicações relacionadas ao tema. Não existem muitos títulos ou pesquisas historiográficas sobre Ásia no Brasil, o que dificulta ainda mais o acesso a esse conhecimento. A maior parte das publicações incide em obras de historiadores americanos e europeus. Isso faz com que a produção historiográfica nacional permaneça desconhecida entre nós, negligenciando uma maior abrangência dos pesquisadores brasileiros sobre a Historiografia relacionada à Ásia.

Sabemos que é necessário que haja interesse para que a produção científica exista, mas também há necessidade de manutenção nesse interesse e isso só pode ocorrer dentro

da universidade ao longo da graduação. Afinal, a construção de livros e artigos não partem da vontade individual de escrever, necessita-se de pesquisa e empenho por parte do proponente. Por isso questionamos essa ampliação relacionada aos estudos de Ásia, não apenas para a graduação, mas também para a pós graduação, seja sob a forma de especializações, ou mesmo de mestrados e doutorados.

Quando abordamos o tema alusivo a Ásia nas salas da educação básica, seja em História ou Geografia, podemos compreender quão grande são as limitações do conhecimento acerca do continente e como ele funciona. Caso for tomado como exemplo os conteúdos difundidos pelos veículos de massa, veremos que boa parte dos programas que atualmente interferem e fazem sucesso entre os jovens e crianças são produzidos em países asiáticos, no caso, Japão, Coreia do Sul e, em menor número, sudeste asiático.

Atualmente temos os olhos do entretenimento mundial apontados para a Coreia do Sul, China, Tailândia e Japão – com os fenômenos promovidos pela *Hallyu*, como já citado neste artigo – principalmente com as produções cinematográficas, musicais e turísticas. Esse excesso de atenção voltada para estes países reforça a ideia de que o continente asiático começa e termina nos domínios do Leste da Ásia. Concluimos que a forma como vem se desenhando o apagamento de gigantes como Índia e sua Bollywood, com as apresentações do gigantesco cinema Hindi, sugere que mesmo havendo sucesso de conteúdos do leste asiático, ainda assim estes não trazem consigo a amplitude espacial do continente.

Esse texto busca trazer docentes e discentes da academia, para refletir sobre questões relativas ao papel que a comunidade intelectual do país possui, e o caráter devedor ante um grupo que depende dessa mobilização para que haja mudanças sinuosas em sua estrutura. A universidade deve promover o desenvolvimento de pesquisas de acordo com as necessidades de cada área, mas, sem favorecimentos excessivos a uns e apagamentos a outros. Esse texto, em toda a sua extensão, procura fomentar o convencimento de que a história da Ásia deve ser ampliada e incluída nos processos de desenvolvimento acadêmico.

Deve-se destacar também que existem horizontes promissores para quem busca conhecer o continente. Fora dos muros da universidade podemos encontrar inúmeras possibilidades, principalmente na área da economia, ou de revistas lançando algum tipo de especial sobre o oriente em geral. O crescimento econômico da China a elevou para personagem importante nos telejornais, WEB-noticiários e revistas como *Veja*, *Época*,

dentre outras. Nunca foram tão importantes as relações sino-brasileiras como nos dias atuais, como também as indicações sobre a Coreia do Sul e Índia. Os árabes também devem ser lembrados, com os acontecimentos recentes na Síria e na eterna questão árabeisraelense, que volta a ocupar espaço nos jornais de tempos em tempos. Contudo, esse é um conteúdo que afeta também um público limitado.

“Existe consciência em analisar esta proposta por diversas perspectivas, considerando a gama de conhecimento adquirido nos estudos realizados sobre “Ásia”. É fácil apontar vários aspectos interessantes que podem ser analisados e discutidos em forma de artigos ou monografias, principalmente se levarmos em consideração que estamos discutindo sobre a História de um continente com vastas e múltiplas possibilidades, culturas milenares, construções sociais, políticas e religiosas, uma infinidade de possibilidades.

Conclui-se que não se tem Ásia nas matrizes curriculares devido à ausência de interesses por parte do conjunto de historiadores brasileiros, o que se revela também pela pequena quantidade de especialistas que estudam temas desta área, alocados nas universidades brasileiras. Além disso, também não há um poderoso movimento social que reivindique como lugar ancestral, a exemplo de África ou dos aspectos alusivos aos portugueses.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AHMAD, Aijaz. Orientalismo e depois: ambivalência e posição metropolitana na obra de Edward Said. In: AHMAD, Aijaz. **Linhagens do Presente: Ensaio**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

CÁCERES, Florival. **História da América**. São Paulo: Moderna, 1997.

CASTRO, Isabelle C. S. **Orientalismo na imprensa brasileira a representação de árabes e muçulmanos nos jornais Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo antes e depois de 11 de setembro de 2001**. Dissertação de mestrado defendida na FFLCH/USP em 2007.

CHAUÍ, Marilena. A construção do “Oriente” e os fundamentalismos. In: CLEMESHA, Arlene (org.) **Edward Said: trabalho intelectual e crítica social**. São Paulo: Editora Casa Amarela, 2005.

DONGHI, Halperin. **História da América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

MACEDO, Emiliano Unzer. **História da Ásia: uma introdução à sua história moderna e contemporânea**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Secretaria de Ensino a Distância, 2016.

MARSHALL, Tim. **Prisioneiros da Geografia. 10 mapas que explicam tudo o que você precisa saber sobre política global**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2018.

MASON, Colin. **Uma breve história da Ásia**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2017.

SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SILVA, Fabiany de Cássia Tavares. Estudos comparados como método de pesquisa: a escrita de uma história curricular por documentos curriculares. **Revista Brasileira de Educação**, v. 21, n. 64, 2016, p. 209-224.

SILVA, Ligia Osório. Edward Said e o Imperialismo Cultural. In: CLEMESHA, Arlene (org.). **Edward Said: trabalho intelectual e crítica social**. São Paulo: Editora Casa Amarela, 2005.

Sites:

Lei no. 9394/96, de 20 de Dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm acesso em 01.11.2022

Plataforma SISB Biblioteca UNEB disponível em:

<http://www.biblioteca.uneb.br/pergamum/mobile/consulta.php>. Acesso em: 18.10.2022

Plataforma Domani. Disponível em:

<https://www.domaniconsultoria.com/post/rela%C3%A7%C3%B5es-comerciais-brasilchina>. Acesso em: 18.10.2022

Plataforma Domani. Disponível em:

<https://www.domaniconsultoria.com/post/rela%C3%A7%C3%B5es-comerciais-brasilcoreia-do-sul>. Acesso em: 18.10.2022

Ministério da agricultura. Disponível em:

https://www.gov.br/agricultura/ptbr/assuntos/relacoes-internacionais/documentos/intercambio-comercial-do-agronegocio10a-edicao/16866_coreia_do_sul.pdf. Acesso em: 01.12.2022

Ministério da Agricultura. Disponível em:

<https://www.redalyc.org/jatsRepo/770/77055186006/html/index.html>. Acesso em: 01.12.2022

RIA: Repositório de Informação Acessível. Disponível em:

<https://ria.ufrn.br/jspui/handle/123456789/807>. Acesso em 02.12.2022.